

# 3.<sup>a</sup> CARTA ao Snr.

## II

Ao mesmo tempo que isto se passava, formou-se lentamente uma nova corrente metafísica, baseada sobre a ilusão de que a física contemporânea favorece os pontos de vista espiritualistas, e mesmo, que tem um carácter metafísico. É esta, por muitos motivos, uma das mais curiosas manifestações da reacção metafísica actual.

Não exponho esta reacção aqui, porque o leitor a encontra admiravelmente criticada no magnífico trabalho de Ph. Frank intitulado «La Fin de la Physique [Mécaniste], N.º 414 da «Actualités Scientifiques»—Herman & Cia, Paris—, cujos capítulos são «Organisme et Mécanisme», «Rêves de libération», «Les Rêves fondés sur le relachement de la causalité», «Essences spirituelles», «L'impossibilité d'observations exactes et le libre arbitre», «La Nouvelle physique tire la psychologie d'une difficulté», etc. O prefácio de M. Boll, e as notas que acompanham este trabalho, são particularmente elucidativos, e põem a nú toda a mecânica desta curiosa reacção metafísica. Ela tem de particular o ser construída sobre os progressos recentes da física, acolhidos com ingénuo entusiasmo nos sectores metafísicos, entusiasmo que rápido degenerou em ilusão desfeita, em miragem que se dissolve:—mas o caso mostra um facto curioso, a saber: a Metafísica desdenha a ciência e logo nela se apoia com sofreguidão quando julga vêr aí alguma coisa que lhe aproveita. Singular atitude que passa do desdém ao entusiasmo com a maior facilidade; a qual atitude, em zig-zag, põe bem a nú a falta de serenidade e de critério do espírito metafísico, a sua tendência sectária, mística, emotiva e sem imparcialidade; atitudes que, precisamente, contrastam com a fleugma do espírito científico, de que é exemplo típico a sua recente atitude na transformação actual das ciências.

Esta fleugma—e a fleugma da ciência não significa a fleugma do homem de ciência—irritou prodigiosamente os metafísicos, que vieram a campo desorientados brandir argumentos de desvairada derrota; assim fez o famoso Heidegger, quando Carnap, aplicando, para exemplificar a análise lógica da linguagem a um dos seus trechos mais pitorescos, «demonstrou» a total vacuidade daquilo tudo. Ora Heidegger não é mais do que um éco pálido do velho Parmenides, e assim a análise (1) recuando nos tempos, estende-se a toda a metafísica que ao afundar-se faz apenas os gestos desvairados e inúteis do afogado...

Ao mesmo tempo que a filosofia científica se constitui, a filosofia tradicional

(1)—Dei uma tradução da parte desta análise logística no «Pensamento».

nal morre de bolor nas cátedras e universidades. Frank dá-nos desta opposição uma sùmula perfeita no parágrafo 19, Capítulo VII, do seu livro citado, «Le principe de causalité et ses limites», onde diz: «As ideias da filosofia escolar não são alguma coisa que se aprenda somente nas universidades ou nas obras dos filósofos, mas provêm igualmente do período animista do pensamento humano (2) em que o seu conjunto formava então uma construção lógica satisfatória. Mas a nossa filosofia escolar oficial empreendeu separar a ideia fundamental da velha filosofia, a de um «mundo verdadeiro» cujo conhecimento forneceria a solução de todos os problemas, do seu fundamento animístico-teológico. Nesta tarefa ela chocou-se com mltiplices contradicções lógicas. A' leitura deste capítulo o leitor deve acrescentar a do livro de Petzhoda intitulado: «Le problème de la structure de l'univers considéré au point de vue du positivisme relativiste». Com estas leituras ficará fazendo uma ideia perfeita do duplo movimento de cristalização e de renovamento que o pensamento histórico revela a este respeito, e assim ficará tendo uma noção clara do actual conflito travado entre o pensamento científico e a filosofia escolar oficial.

Mas há mais: o movimento transformou-se numa verdadeira auto-crítica filosófica de ciência, pela qual esta passa a objecto de si própria, o que é, a meu ver, um dos factos capitais do actual movimento do pensamento. Dando exemplo do seu critério e da sua severa disciplina, o pensamento científico actua sobre a própria ciência como objecto, penetrando com a arma da análise a estrutura dos seus conceitos, proposições e teorias, no desejo de obter uma clarificação precisa da sua engrenagem lógica. (Ver Carnap a este respeito: «A Ciência e a Metafísica diante da análise lógica da linguagem»). Os rigóres matemáticos da moderna logística põem muita vez em evidência factos que sem a Simbólica passariam facilmente despercebidos: e assim, no seu monumental «Syntaxe Lógica», Carnap construiu uma verdadeira gramática geral do pensamento positivo e da ciência.

Contra tudo isto se chocam a Metafísica e as Filosofias Escolares oficiais, numa completa impotencia, pois outras armas não têm já que não sejam uma velha dialéctica retórica, alegórica ou mística a que ninguém liga importância; como diz Schlick, são apenas combates da rectaguarda, e os Metafísicos fazem lembrar esses velhos actores que se não apercebem de que já a sala está às moscas

O conjunto deste movimento teve com efeito um resultado absolutamente

(2)—Mentalidade primitiva ou pré-lógica de Levy-Bruhl.

imprevisto. Quando na Metafísica renasciam as pretensões megalomaniacas e aristocratizantes, a evolução geral do pensamento moderno conduziu à absorção daquilo que na metafísica podia haver com algum sentido, e à rejeição do resto, isto é, daquilo que é destituído de conteúdo. Filosoficamente, a Metafísica findou pois «definitivamente»; o que não quer dizer que o Pathos metafísico não continue, pois é uma necessidade psicológica que o determina. Isto conduz, porém, a situações como a de Driesch, o qual, ao mesmo tempo confessa que «a metafísica até aqui não tem sido coisa séria», e formula votos deste género: «Oxalá este escrito contribua para o fomento de uma Filosofia e especialmente de uma Metafísica crítica e conscienciosa e oponha um dique a uma Filosofia de afirmações não controladas como era a antiga Filosofia monista, a uma filosofia de genialidades que nada no fundo fazem compreensível. A nossa época necessita de uma Metafísica, porem essa Metafísica não pode ser senão uma Metafísica escrupulosa. Desgraçadamente é grande o perigo de que as metafísicas do capricho voltem a estar de moda.» Estas frases são o «De Profundis» da possibilidade legítima da Metafísica.

A situação pode ser definida da seguinte maneira: a Metafísica não pode ter hoje pretensões filosóficas; tem apenas como campo possível a poesia e a literatura; neste campo pode exhibir o seu Pathos à vontade, o seu romantismo, e o seu sensualismo, as suas fúrias, gritos, êxtasis e frenesis, e aí dar vazão à sua retórica teatral. O efeito dependerá apenas do seu valor artístico: mas ninguém deverá confundir tal valor, quando exista, com um valor filosófico. Conhecimento e emoção, filosofia e arte, ciência e poesia, mística e investigação, separam-se hoje, gradualmente, de forma cada vez mais precisa e nítida, em campos de desenho cada vez mais definidos: não por imposição deste ou daquele sistema, mas como consequência geral da própria movimentação do pensamento.

Quere dizer, à velha opposição «Ciência e Metafísica» está-se gradualmente substituindo o contraste (e não opposição) Ciência e Arte: filosofia, pensamento filosófico de um lado, pensamento emotivo do outro, o que corresponde à separação histórica do pensamento em objectivo e subjectivo.

O recuo da Metafísica à forma primitiva do pensamento (pensamento pré-lógico) é um dos fenómenos mais significativos do pensamento actual; tal recuo é visível de uma forma hipertrófica em certas correntes da Metafísica alemã contemporânea, a qual se aproxima, acentuadamente, de certas formas da metafísica hindú (em parte igualmente de tipo primitivo. Ver Mas-son Oursel, «L'Inde Antique»). Este fenómeno é por tal forma evidente que o



# Dr. Casais Monteiro

de ABEL SALAZAR

leitor o pode constatar com a maior facilidade; caso o não possa verificar pessoalmente pode vê-lo no livro de Frederigo Henriques—Signification de l'histoire de la pensée scientifique.

Nenhum espectáculo mais curioso do que esta espécie de batuque que se observa em certos sectores do filosofismo alemão; mas já o filosofismo de Bergson apresenta nítidos caracteres de primitivismo pre-lógico, de mentalidade primitiva, espécie de «manipancismo filosófico», que forma um curioso paralelo com o cubismo e o manipancismo estético (Levy-Brühl, Raphaël Cor).

Há, pois, no conflito actual da Ciência um movimento renovador e um movimento reacccionário, movimento conjugado que não é mais do que uma repetição actual de crises periódicas do pensamento humano. É o que dá particularmente intensidade ao conflito actual, além das condições bio-históricas e sociais de momento, é o carácter profundamente revolucionário da ciência actual. Ante este movimento o metafísico ficou desnordeado; tanto mais que os metafísicos dificilmente abarcam com seus olhares o conjunto da transformação das ciências e a profundidade do movimento. Daí reacções paradoxais, ilusões, miragens que se desfazem rápido e polémicas sem base nem razão. Neste naufrágio geral da Metafísica uns apegam-se ao passado e fazem renascer Aristóteles, Tomás de Aquino ou Kant; outros recorrem ao paradoxo; outros, ainda, recuam até ao pre-lógico, até às formas animistoteológicas da mentalidade, ao antropomorfismo integral, ao anti-intelectualismo, às Místicas, e ao próprio manipancismo. É o caos, a mais curiosa barafunda de sistemas, doutrinas, opiniões, gritos, esgares, que se pode imaginar. Há gemidos, lamúrias, furiosas apóstrofes, imprecações; uns estão catatónicos num canto, outros gritam retórica comieira de praça pública; o espectáculo tem ao mesmo tempo qualquer coisa de feira, de praça de touros, de manicómio e até de batuque. Sobretudo e particularmente na Alemanha. Aí as coisas atingem actualmente paroxismos esquizoídes extremamente curiosos. Aos gemidos antigos de Kirkegaard, juntam-se plangências contemporâneas, enquanto outros fulminam raios e coriscos de retórica numa logomaquia tronitoante.

Tudo isto dá, por vezes, uma triste ideia da mentalidade humana; tem-se a impressão deprimente que gera a contemplação de um manicómio; e quando o Sr. Heidegger nos grita—«O Nada está ali», hesitamos entre o sorriso e a compaixão entristecida.

«Não se pode escapar», diz Philippe Frank, «à impressão de esterilidade,

mesmo de ridículo, dada pela filosofia contemporânea. O efeito que ela produz é um pouco a que faria um homem esforçando-se por erguer um grão de areia, empregando para isso os mais formidáveis meios mecânicos.

«Isto provem, segundo creio, de que todos os esforços desta filosofia tendem a defender o entendimento habitual contra a ciência. É assim que se quer «salvar» o livre arbítrio, salvar a realidade do mundo exterior, salvar o tempo e o espaço, salvar a finalidade na natureza; numa palavra, dizer que não há progresso científico e que o conjunto de conhecimentos que possuímos aos 12 anos representa a imagem definitiva do universo. Nietzsche caracterizou de uma forma breve e precisa esta obra da filosofia escolar no seu aforismo sobre a astúcia Kantiana: Kant, diz êle, quiz provar que «toda a gente» tinha razão e isso de maneira a chocar o sentimento de «toda a gente». Escreveu contra os sábios e em proveito do preconceito popular, mas escreveu para os sábios e não para o povo.» (Philip Franck, «Le Principe de causalité et ses limites», pg. 258 e 259).

Huxley tinha definido outrora tudo isto num aforismo célebre, que ainda hoje é válido: «A Metafísica!... Num deserto de ideias, um dilúvio de palavras...»

Tomé pois o leitor o partido que muito bem queira; isso é-me em absoluto indiferente; mas se quer entrar na lúcida consciência do actual momento intelectual, tem de ampliar e aprofundar o conflito que acima, em muito rápido escorço, acaba de ser traçado:—já com êle, no entanto, poderá, segundo creio, compreender muita coisa do que entre nós se passa, a começar pela razão de ser desta carta, e das afirmações que tenho feito sobre o nosso lamentável atraso intelectual. Porque, entre nós, quasi tudo é metafísica barata e rançosa filosofia escolar... Não sabemos, sequer, o que seja o esforço da investigação filosófica; estamos habituados apenas à ligeireza da opinião superficial, ao bordado dialéctico de considerações sem alcance; estamos habituados, em suma, ao pensamento quasi puramente psicológico, quando não ao filosofismo de efeito;—e por essa razão talvez já mais houve entre nós pensamento original.

## ABEL SALAZAR

P. S.—O leitor que deseje pôr-se ao facto da actual luta anti-metafísica em França, tendente a expurgar o pensamento francês das ligeirezas, vícios e superficialidade do filosofismo à Bergson e à Boutroux, pode consultar o curioso livro de Marcel Boll, «Les tendances actuelles de la Philosophie Française», Edit. Chison, Paris, onde as novas correntes posi-

tivistas e o anti-metafísico estão tratados em bloco, com uma abundante bibliografia. Bergson, Boutroux e outros metafísicos, que nunca foram tomados a sério nos meios científicos (1), aí aparecem em toda a vacuidade, paradoxos e esterilidade dos seus sistemas. Pode igualmente consultar a êste respeito, Goblot «Traité de Logique»; Abel Rey, «Logique», do mesmo «La Philosophie Moderne»; Rougier, «Les paradoxes du rationalisme»; Sagret, «La Vague Mystique», etc., etc.

Esta luta anti-metafísica tomou ultimamente um carácter novo e muito mais definido desde a internacionalização da Escola de Viena, em particular depois do Congresso de Filosofia Positiva de Paris, 1936, cujas Actas, em 8 volumes, estão publicadas nas «Actualités», N.º 388 a 395.

## NOTAS

A impossibilidade lógica da Metafísica resulta do princípio de Hahn, do Princípio de Schlick, da desagregação do «a-priori», da impossibilidade lógica do Noumeno, da impossibilidade de estender a intuição ao Infinito e ao Absoluto, da passagem viciosa ao limite, etc. A sua persistência apesar desta impossibilidade lógica resulta de que ela é uma «função temperamental», isto é, psico-somática e caracterológica.

O seu carácter híbrido resulta de conjugar a impossibilidade lógica com o facto de ser «uma forma mediocre da expressão do sentimento da vida» (Carnap): flutua assim, constantemente indecisa, entre a ciência e a arte.

O seu carácter histórico define-se por ser uma tendência constante para o recuo no sentido da mentalidade primitiva (pre-lógica) ou pelo menos arcaizante.

O seu carácter metodológico caracteriza-se pelo método dogmático, pseudo-tautológico, pela tendência à simplificação convencional das coisas, arbitrária, por vícios paralogógicos múltiplos, e pela tendência a substituir a investigação pela afirmação.

O seu carácter moral resulta directamente do seu carácter psicológico. A Metafísica, como em breve mostrarei tem como base um mecanismo especial de transformação do psicológico no pseudo-lógico.

O erro histórico capital da Metafísica consiste no seguinte: em tentar constantemente correlacionar construções tautológicas com um real transcendente, o que hoje está demonstrado não ter sentido.

A análise da Metafísica como «objecto lógico» e como «objecto psicológico» começa pondo a nú a sua natureza.

(1)—«Bergson est un admirable joueur de flûte...» diz pitorescamente G. Matine, La Grand Revue, 83, p. 749, 1914.

( volte )



# NOVO TIPO DE MULHER DE JULIO E A NOVA

Em tôda a literatura portugueza—mais distinta na variedade de estilos, do que na variedade de tipos humanos—não se destaca uma figura de mulher de robusta personalidade, actuando independente, por si, vivendo uma vida intensa e livre entre as criações do romancista.

A mulher da nossa literatura, quer seja a sentimental e ardente heroína de Camillo, a Hermeingarda altiva e gelada de Herculano, as frescas raparigas simples de Júlio Denis, a estranha Joanninha de olhos bizarramente verdes, as mulheres mais fêmeas de Eça, não passam do acessório sensual e caprichoso da pessoa masculina que ocupa o livro. Talvez isto devido ao feitio biográfico dos nossos escritores que principalmente descrevem acontecimentos e paisagens focadas dentro do drama da sua vida, em alguns movida e rica, mas quasi sempre de olhos fechados a uma larga visão social.

Só assim se explica a falta de substância filosófica nos nossos melhores romances onde as personagens agem muito mas muito pouco pensam.

A' riqueza activa de factos, de acontecimentos, não se liga uma preocupação cerebral de conhecer e agitar sistemas de ideias, cavar razões na vida da personagem para dar uma convicção à angústia do seu caso, trazer para dentro da acção a explicação moral que está para lá dos movimentos.

O escritor português constrói só com as figuras do ambiente em que vive, ambiente social em que a mulher está abaixo do homem tapando a sua individualidade, apagando os seus pe-

quenos heroísmos domésticos, os seus excedimentos humanos, para destacar mais a personalidade do homem.

E' esta a mulher tipo de todos os romances portuguezes: a mulher do lar, que procura o homem ou dele foge na mesma ânsia humana de entregar-se-lhe, que vive abraçada a êle no aconchego da casa—amando-o ou traindo-o.

Júlio Dantas—que é hoje, só sob um ponto de vista formal, o maior expoente da nossa cultura—deu-nos um novo tipo. E' a mulher livre, feminista deteriorada coberta de vestidos caros e jóias caras, na qual tem sociedade franca o marido e os amantes, numa atmosfera de escândalos chiques e bocejos causados de vida ôca.

Esta não é a companheira, é um animal de luxo dispendioso do marido, tem a sua independência rebelde e estéril, uma cabeça adorável pintada e ideias suas. Saiu da tutela do marido porque é igual a êle: tem direito de voto, joga hoquei e pensa.

Quando a amiga pergunta a lady Bradfield se não acha que os maridos delas são horribeis, ela filosofa resignadamente:

«Talvez. Mas que se há-de fazer se não temos outros?»—«o nosso primeiro dever é sabermos ser as bonecas dos nossos maridos. Se não soubermos êles arranjam outras mais agradáveis».

Também, para ella, o marido é um luxo, uma distracção mais, e o casamento uma variante sofrível que ajuda a passar o tempo. Se o ensaio falhou, é fácil—o divórcio.

Infelizmente «não se sabe se

um marido presta sem ter tido o incómodo de casar com êle...»

Depois é preciso variar, «deve ser aborrecido viver eternamente ao lado do mesmo homem».

A vida para ella é um prazer supérfluo—chega a aborrecer-se sem descobrir em que matar o tempo.

Não a assustam as preocupações miseráveis do pão que falta, de noites veladas à cabeceira dum filho doente, porque ella não tem filhos e a sua mesa é opulenta como o seu maravilhoso leito império.

E assim nos passa pelos olhos essa precissão de pobres inúteis que não têm mais que fazer no livro senão combinar divertimentos, fechadas no seu egoísmo, a pensarem em si e nos seus gózos banaes, desoladas, entre luxos com braços, ramos de junquillo; desmaiando em faianças italianas, ditos insípidos de «hommes-à-femmes» tam inúteis como ellas e muitos mais objectos delicados chamados finalmente em francês.

Se alguma quere fazer-se doutora, saber, libertar-se para uma existência mais proveitosa, submerger-a um arrôto de bom senso—«as mulheres que pretendem substituir os homens mandam afinal muito menos do que as outras».

Admira-nos como com êstes espantelhos de frivolidade a pensarem pretenciosamente tolices banaes pela cabeça do seu autor, em corridinhas histéricas pelos «courts» de tennis, a atirarem-se para os amantes na cara dos maridos, bisbilhotarem escândalos em compridos diálogos de intrevistazinhas insignificantes, se podem encher duzentas páginas.

(Continuação da página anterior)

Em suma, a ciência está hoje elaborando o processo completo da Metafísica: lógico, psicológico, histórico e moral. Por essa razão os metafísicos alemães não vêem outro refúgio senão o seguinte:—a eliminação total da ciência, o que conduz à mentalidade pré-lógica ou primitiva, círculo vicioso de onde não consegue sair.

Onde está então o futuro? «Na concienzialização progressiva do Homem e da Natureza», que seguirá o seu progresso ao lado das Artes; em duas palavras, na ciência e na arte, entre as quais não há lugar para a metafísica.

## BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL A CONSULTAR:

La Philosophie Scientifique—Hans Reichenbach.

L'Ancienne et la nouvelle logique—Rudolf Carnap.

Théorie de la Connaissance et Physique moderne—Philip Frank.

Les énoncés scientifiques et la Réalité du Monde extérieur—Moritz Schlick.

Le Problème de la Logique de la Science—Rudolf Carnap.

La Science et la Métaphysique devant l'Analyse logique du langage—Rudolf Carnap.

Logique, mathématique et connaissance de la réalité—Hans Hahn.

Le Cercle de Vienne—Otto Neurath.

La Fin de la Physique mécaniste—Philip Frank.

La Science des Caractères dans ses relations avec la méthode scientifique—Marcel Boll.

(Todos da coleção «Actualités Scientifiques», Herman & C.—Paris).

Atomes e Cosmos—Reichenbach.

Le Principe de Causalité—Philip Frank.

Les Tendances actuelles de la Philosophie Française—Marcel Boll.

La Science et l'Esprit positif chez les penseurs contemporains—Marcel Boll.

La Personnalité et ses manifestations—Marcel Boll et Delmas.

La Structure du corps et les Caractères—Kretschmer.

La Mentalité Primitive—Levy-Bruhl.